

LAZER, CULTURA E FOLCLORE: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE GRANDES ÁREAS DE CONHECIMENTO

Jenifer Lourenço Borges Vieira¹

Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

RESUMO: Este texto exibe um recorte da pesquisa² de mestrado cujo objetivo foi analisar os artigos da Revista Brasileira de Folclore que fizeram referência às manifestações folclóricas entendidas como lazer. Com o propósito de levar a compreensão dessas manifestações como vivência de lazer, este trabalho faz a conexão entre três grandes áreas de conhecimento: o lazer, a cultura e o folclore; eleva o leitor a observar uma variedade de práticas e costumes contidos em uma manifestação folclórica em particular, o Carimbó, considerada a expressão de lazer do trabalhador caboclo. Para tal, utilizou-se a análise do discurso, tendo como *corpus* documental os artigos da Revista Brasileira de Folclore, publicados em 1969. Assim, as considerações finais evidenciam que o estudo do lazer a partir do prisma do folclore possibilita um entendimento diferenciado sobre o mesmo, quando esse é equiparado à diversão ou ao divertimento.

Palavras-chave: Lazer. Cultura. Folclore. Carimbó.

LEISURE, CULTURE AND FOLKLORE: A RAPPROCHEMENT BETWEEN LARGE AREAS OF KNOWLEDGE

ABSTRACT: This text displays part of a research masters, whose aim was to analyze the articles of the Journal of Folklore that made reference to folklore, understood as pleasure. With the aim of furthering the understanding of these manifestations as the experience of pleasure, this work makes a connection between three major areas of knowledge: leisure, culture and folklore; and leads the reader to observe a variety of customs and practices contained in a folkloric manifestation in particular Carimbó, considered the expression of the rustic recreation worker. For this, we used discourse analysis, with the documentary corpus, the articles of the Journal of Folklore, published in 1969 Thus, the final considerations show that the study of leisure from the prism of folklore enables a differentiated understanding of the same when that is equated with fun or fun.

Keywords: Leisure. Culture. Folklore. Carimbó.

OCIO, CULTURA Y FOLCLORE: UNACERCAMIENTO ENTRE LAS GRANDES ÁREAS DE CONOCIMIENTO

¹ Professora do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais e Mestra em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais.

² Este trabalho é parte dos resultados da pesquisa de mestrado “O lazer traduzido nas festas e folguedos presentes na Revista Brasileira de Folclore (1961 – 1976): uma questão de educação das sensibilidades?”, integrada na pesquisa coletiva “A educação dos sentidos na história: o tempo livre como possibilidade de formação (entre os anos finais do séc. XIX e os anos iniciais do séc. XXI)”, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais e coordenada pelo Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, com financiamento do CNPq sob n. 470687/2011-8 e da FAPEMIG, sob n. APQ 00635/11.

RESUMEN: Este texto se muestra parte de un máster de investigación, cuyo objetivo fue analizar los artículos de La “Revista Brasileira Folclore” que hacían referencia al folclore, entendido como placer. Con el propósito de facilitar la comprensión de estas manifestaciones como la experiencia del placer, este trabajo hace una conexión entre tres grandes áreas de conocimiento: el ocio, la cultura y el folclore; y conduce al lector a observar una variedad de costumbres y prácticas contenidas en una manifestación folclórica en particular “Carimbó”, considerado la expresión del trabajador de recreación rústica. Para ello, se utilizó el análisis del discurso, teniendo como corpus documental los artículos de dicha revista publicados en 1969. Las consideraciones finales muestran que el estudio del ocio desde el prisma del folclore permite una comprensión diferenciada de lo mismo cuando equiparado a la diversión o al divertimento.

Palabras-clave: Ocio. Cultura. Folclore. Carimbó.

Introdução

Uma das concepções possíveis de lazer pode ser encontrada em autores como Werneck (2003), que o define como a representação de uma das dimensões da cultura³. Nesta perspectiva, a autora explica que cultura constitui um campo privilegiado de produção humana, conforme os processos de socialização, aprendizagem, tradições, valores dos sujeitos, dentre outros. O lazer, neste caso, representa apenas uma de suas dimensões. Dessa maneira, pode-se dizer que ele não é sinônimo de cultura, mas uma dimensão cultural que oferece elementos para, através de suas manifestações lúdicas, compreendermos um grupo social em um determinado período, suas formas de vida e relações sociais.

Werneck (2003) enfatiza que o lazer é constituído a partir de quatro elementos inter-relacionados: as ações, o tempo, o espaço/lugar e os conteúdos culturais vivenciados. Esses elementos expressam um exercício coletivamente construído no qual os sujeitos se envolvem porque a isso se dispõem, independentemente dos motivos que os instigaram: divertimento, descanso, convívio social, aprimoramento pessoal, quebra de rotina, relaxamento de tensões, fuga de problemas, aventura e/ou conquista de desafios.

Constituído conforme as peculiaridades do contexto no qual se desenvolve, o lazer pode acarretar produção de cultura – no sentido de construção e transformação de diversos conteúdos culturais usufruídos pelas pessoas, grupos e instituições. No entanto, quando relacionamos a cultura ao lazer, não estamos reduzindo-a a um único conteúdo, pois isso seria uma visão parcial. Nesta perspectiva, a ação do lazer é construída em um

³ Apesar do termo “representação” ser bastante genérico para definir lazer, é possível entendê-lo como um componente da cultura e não sinônimo dela. Werneck (2003) explica que a cultura é composta por um emaranhado simbólico, constituído de elementos como, do ponto de vista antropológico, os processos de socialização, de aprendizagem, de tradições, de valores. Além disso, a cultura representa ainda, para a autora, “um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras e instruções – que orientam o comportamento humano” (p. 69). Dessa forma, o lazer seria um desses elementos constitutivos da cultura.

tempo/espaço, dialoga e sofre interferência das demais esferas da vida em sociedade e nos permite ressignificar continuamente a cultura em sua totalidade.

Alves (2003) aponta a necessidade de se aprofundar os conhecimentos sobre cultura ao associá-la como lazer, para evitar análises superficiais sobre o assunto. Corbin (2001, p. 22) afirma que cultura é um termo emaranhado, que reúne muitas atividades e atributos em um só feixe, podendo na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Em sua análise, é necessário “desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes”.

Cultura, folclore e sua aproximação com o lazer

Williams (2007, p. 121) define três possibilidades amplas de uso para a palavra cultura, uma delas é justamente “o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística”. Nesse caso, cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro, cinema e dança. Mas não se deve operar apenas com essa concepção da palavra, quando estiver associada ao lazer. Outro conceito é o de “substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral.” (WILLIAMS, 2007, p.121). Dessa forma, todos são produtos e produtores de cultura. Esta perspectiva reflete a ideia de produção humana e como dimensão simbólica, abordando os diversos conteúdos culturais que o lazer pode ensinar, inclusive aqueles motivados pelo interesse das pessoas no desenvolvimento das várias atividades e posturas, fatores de principal importância dessa pesquisa.

A cultura pode ser entendida como uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Desta forma, ela não é algo natural que decorre de leis físicas/biológicas, ainda que já tenha sido tratada assim⁴. Williams (1979), em sua obra “Marxismo e Literatura”, apresenta o conceito de cultura como uma construção ou problema histórico, que sofreu influências de outros conceitos, tais como sociedade e economia.

Salles (1969), citado por Brandão (1982), afirma que os fenômenos folclóricos também são fenômenos da cultura passíveis de serem estudados individualmente⁵. Não são, porém, coisas mortas, mas uma realidade concreta, dinâmica, em constante readaptação às novas formas assumidas pela sociedade. Não se trata de afirmar que todas as manifestações culturais são, necessariamente, manifestações folclóricas, pois,

⁴ Roque Laraia, no livro “Cultura: um conceito antropológico” (2007) discute os aspectos biológicos e geográficos da cultura, as explicações da ciência para o processo de evolução biocultural do homem. Em outras palavras, explica como a cultura, a principal característica humana, desenvolveu-se simultaneamente com o equipamento fisiológico do homem.

⁵ Entendemos a cultura como algo amplo e relacional. Quando Salles (1969), citado por Brandão (1982) afirma que os fenômenos folclóricos são passíveis de serem estudados “individualmente”, deduzimos que ele esteja se referindo ao folclore como uma dimensão da cultura, e, por isso, poderíamos focar nossos estudos nos fenômenos folclóricos propriamente ditos, sem que para isso seja necessário abarcar toda a cultura neste estudo.

para serem definidas como tal, é necessário verificar se apresentam características que possam constituí-las como fato folclórico, atendendo aos critérios delimitadores sugeridos pelos estudiosos do folclore.

Corbin (2001) explica que, desde a origem dos estudos desse tema, o folclore possuía um sentido de distância, implicando superioridade, subordinação e uma visão dos costumes como algo remanescente do passado. Para que o fato folclórico não se limitasse aos “costumes do passado”, foram pensadas algumas características que pudessem identificá-lo.

Essas características a serem observadas nas manifestações culturais foram pensadas por estudiosos da área, a partir da Carta do Folclore Brasileiro, produto do I Congresso Brasileiro de Folclore (1951), realizado na cidade do Rio de Janeiro (RJ). De acordo com Silva (2008), o texto desta carta agrupava duas propostas convergentes:

Uma, apontada por Manuel Diegues Júnior e Renato Almeida, que defendia a ampliação dos domínios dos estudos do folclore, rompia com definições mais restritivas e aproximava-se da antropologia cultural; a outra, da Comissão Paulista, também defendia uma definição ampla para os Estudos do Folclore e seu relator foi Rossini Tavares Lima, importante folclorista paulista e autor de vários livros sobre o folclore brasileiro. (SILVA, 2008, p.102)

Essa convergência das propostas no texto da Carta estabelecia o seguinte:

Reconhece o estudo do Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar como folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.

Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica.

São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônima ou não, e essencialmente popular. (Carta do Folclore Brasileiro, citada por BRANDÃO, 1982, p. 31)

É interessante refletir sobre o “essencialmente popular” indicado na própria carta, principalmente sobre o que isso realmente seria ou indicaria para os estudiosos do tema, naquela época. Benjamin (2008) explica que, originalmente, o sentido de “povo”, no conceito de folclore, indicava os integrantes das camadas sociais mais baixas das sociedades camponesas tradicionais, não existindo, assim, um “folclore urbano”, como já

se aceita atualmente. Sob essa perspectiva, a cultura dos povos primitivos, como a dos índios, também estava fora desses estudos.

Entendendo a noção de folclore como sendo algo construído historicamente, pois a sua compreensão varia de acordo com o tempo, pode-se afirmar que, para se entender o folclore, é preciso conhecer um pouco de sua trajetória histórica. Cavalcanti (2002, p. 77) explica que os estudos do folclore são parte de uma corrente de pensamento mundial “cuja origem remonta à Europa da segunda metade do século XIX”. Ela afirma, ainda, que, ao mesmo tempo em que procuravam inovar, esses estudos faziam parte do legado de duas tradições intelectuais que se ocupavam anteriormente da pesquisa popular, a dos Antiquários e a do Romantismo.

Pensando no sentido da palavra “povo”, para os intelectuais românticos, ela significava puro, simples, estar enraizado nas tradições e no solo de sua região. Sendo assim, o indivíduo está dissolvido em sua comunidade. Como a trajetória dos estudos do folclore no Brasil manteve relações com os debates do contexto intelectual europeu, incorporando essa tradição romântica nos estudos brasileiros para conferir sua cientificidade, pode-se deduzir que o sentido da palavra “povo” se manteve intacto. Logo, o “essencialmente popular”, indicado na carta, estaria relacionado com essa concepção dos intelectuais românticos.

Voltando à Carta do Folclore Brasileiro, ainda de acordo com Silva (2008, p 2.), naquele período, houve uma tentativa de redefinição do fato folclórico que não mais precisaria ser necessariamente tradicional, desde que fossem “respeitadas as características de fato coletivo, anônimo ou não, e essencialmente popular.”

Em 1995, em Salvador/BA, durante o VIII Congresso Brasileiro de Folclore, procedeu-se a releitura dessa Carta do Folclore Brasileiro, para a sua atualização. Neste momento, decidiu-se repensar o conceito de folclore, considerando-o como:

O conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatos da identificação da manifestação folclórica: tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. (Comissão Nacional do Folclore, 1995, p. 1)

Diante da nova conceituação do termo, algumas das características que o definiam desapareceram ou foram relativizadas, como o anonimato, a aceitação coletiva, a transmissão oral, a antiguidade, a tradicionalidade, dinamicidade, a espontaneidade, a funcionalidade e a regionalidade. (BENJAMIN, 2008)

Esse novo paradigma infere que nem toda manifestação cultural é folclórica. Porém, as manifestações folclóricas podem ser vistas como manifestações culturais e a sua fruição pode ser entendida como lazer ou possibilidade de lazer. Contudo, não existe uma manifestação ou prática específica e/ou predeterminada como conteúdo do lazer, pois as práticas folclóricas ou culturais em si não o definem. O que relaciona essa

manifestação ou prática ao lazer, de acordo com Marcellino (1996), é a forma de engajamento, participação e envolvimento social de cada sujeito ou grupo social.

A partir dessa linha de pensamento na qual as manifestações folclóricas são entendidas como possibilidade de lazer, expandiu-se a gama de estudos do tema, tornando-se válido analisar as várias manifestações folclóricas contidas na Revista Brasileira de Folclore, sob o prisma do lazer. O presente artigo se insere nesse contexto com a apresentação dos resultados da análise de discurso realizado em um artigo publicado no ano de 1969.

O carimbó como expressão de lazer do trabalhador

Para exemplificar tal análise, será utilizado o estudo do Carimbó como manifestação folclórica específica. Publicado na edição número 25 da Revista Brasileira de Folclore - RBF, referente ao último quadrimestre de 1969 (setembro/dezembro), na pesquisa, os autores fizeram referência direta ao lazer dos trabalhadores, em particular dos caboclos. Cabe ressaltar que o lazer neste texto não tem relação alguma com o mundo fabril, mas sim com o uso do tempo de não-trabalho pelos pequenos agricultores, pescadores e pecuaristas, ou seja, os caboclos paraenses.

Na introdução do artigo intitulado “Carimbó: trabalho e lazer do caboclo”, os autores Vicente Salles e Marenalsdebski Salles afirmam que:

A lúdica é certamente um dos aspectos menos conhecidos do folclore amazônico. Enquanto a bibliografia regional salienta parte de uma literatura oral (contos, mitos e lendas) muito rica, as poesias, as músicas e as danças aparecem escassamente documentadas.

Apenas o boi-bumbá faz exceção à regra. Entre os folguedos típicos da grande região norte, o bumbá tem merecido estudos mais aprofundados, embora ainda incompletos. (SALLES; SALLES, 1969, p. 257)

Os autores levantam a questão do alargamento das perspectivas de estudo do homem amazônico, salientando que

a pesquisa científica, naquela área, concentrou-se intensamente no elemento humano isolado na vida tribal, equidistante da “civilização”, praticamente excluído – até mesmo no esforço de preservação de sua cultura e na política oficial de proteção – da sociedade global: o índio. (SALLES; SALLES, 1969, p. 257)

Diante dessa situação, Salles e Salles (1969) afirmam que alguns estudiosos se voltaram para a análise desse elemento humano apenas com relação às mudanças,

“deculturação”⁶, integração, etc. atribuindo aos membros das tribos indígenas a categoria de “néo-brasileiros”(sic), ou, devido à mestiçagem, a categoria de caboclos. No entanto, para os autores, o caboclo “não é apenas produto da destribalização dos nossos selvagens” (1969, p. 258). Eles explicaram que, no estudo, utilizaram a expressão “caboclo paraense” como equivalente a homem do interior, “compreendendo então certo tipo de representação social embora não signifique certo tipo de representação de *status*. Um caboclo pode ocupar diferentes papéis nos diferentes extratos da sociedade local” (1969, p. 258).

Salles e Salles (1969, p. 258) informam que a literatura de ficção tem sido quase a única fonte de conhecimento da vida, das alegrias e vicissitudes do caboclo. Assim sendo, eles afirmam que os folcloristas podem contribuir para o alargamento dessa perspectiva de estudo que “deixou em segundo plano a vida, a experiência e as realizações do caboclo, dos mestiços e das populações realmente ‘populares’”. Ambos os escritores, na condição de folcloristas, se propõem a realizar um estudo dessa natureza, focando na vida do caboclo.

Na condição de observadores participantes de folguedos populares, Salles e Salles concluem que

no Pará, abrangendo as regiões pastoril e agrícola (Marajó e Bragantina) e mais a litorânea (zona do Salgado), onde há predominância das atividades pesqueiras, o carimbó enquanto dança e enquanto música é uma das formas mais puras e significativas do lazer popular. O divertimento que mais anima as populações dessa região. (SALLES; SALLES, 1969, p. 259, e grifos nossos)

Nota-se aí a referência feita pelos autores ao carimbó como lazer popular e como divertimento da população. Dessa forma, o lazer e o divertimento são sinônimos para os autores.

Considerando o carimbó uma expressão do lazer do caboclo, Salles e Salles (1969) fazem uma revisão bibliográfica sobre essa dança. É interessante destacar que, dentre os achados dos autores, encontra-se um registro na legislação paraense, a Lei nº 1.028, de 5 de maio de 1880, do “Código de Posturas de Belém”, da Coleção de Leis da Província do Grão-Pará. O capítulo XIX, sob o título “Das Bulhas e Vozeiras”, dispõe:

Artigo 107. É proibido, sob pena de 30.000 réis de multa.
Parágrafo 1º. Fazer bulhas, vozeiras e dar altos gritos sem necessidade.
Parágrafo 2º. Fazer batuques ou samba.
Parágrafo 3º. Tocar tambor, **corimbó** ou qualquer instrumento que perturbe o sossego(sic) durante a noite, etc. (Capítulo XIX da Lei nº 1.028 de 5 de maio de 1880, citado em SALLES; SALLES, 1969, p. 260)

⁶Salles e Salles (1969) utilizam a palavra “deculturação” como perda de elementos da cultura indígena pelo caboclo.

Outro registro encontrado por eles, o “Código de Posturas da Câmara Municipal da Vigia”, Lei nº 1.162, de 12 de abril de 1883, apresentava na Parte I, sob o título 10, “Vozerias nas ruas, injúrias e obscenidades contra a moral pública”, o seguinte texto no artigo 48, parágrafo 2º, que proibia “tocar tambor, **carimbó**, ou qualquer outro instrumento de percussão que perturbe o sossego (*sic*) público durante a noite. A contravenção será punida com a multa de 15\$000, ou 5 dias de prisão, em qualquer um dos casos”. (SALLES; SALLES, 1969, p. 70)

Os autores mostraram, então, que Belém e Vigia, através dos códigos de posturas, já haviam documentado o “brinquedo”⁷. Além disso, Salles e Salles (1969, p. 260) constataram que o carimbó (ou corimbó, como também era conhecido) era uma das “predileções dos escravos e da população mais humilde” e “confundia-se com os batuques e com todas as bulhas perturbadoras do sossego público”. Nestes dois trechos citados, percebe-se uma tentativa, através de lei, de regulação ou controle de uma manifestação do lazer popular.

Após a revisão bibliográfica, os autores explicam sobre a época em que é realizada a dança do carimbó:

Embora Nunes Pereira marque, no Marajó, uma época precisa para a dança do carimbó, os meses de junho, novembro e dezembro, em outras regiões a dança ocorre em qualquer período do ano. Geralmente, é dança do fim de semana, como na Vigia. No Maranhão, informou-nos o popular Casemiro Anastácio Avelar, o Carimbó também é considerado dança de “fim de festa”, por estar associado à festa do Divino, servindo-lhe de epílogo. No Pará, à exceção talvez da ilha de Marajó, onde às vezes em algumas localidades aparece associado à festa de São Benedito (8 de dezembro), não tem ligação especial a qualquer festividade religiosa. É dançado preferencialmente no período marcado pelo comêço do “verão” e primeiros meses do “inverno” (novembro-dezembro), durante o qual há muitas festividades religiosas (o ciclo junino, as réplicas sertanejas do Círio de Nazaré, o ciclo de dezembro-janeiro). Mas o próprio Carimbó marajoara não tem conotação estreita com a festa de São Benedito, embora Nunes Pereira e Gentil Puget a ela se refiram expressamente; é mais divertimento, puro lazer que sucede às duras fainas diárias. (SALLES e SALLES, 1969, p. 263, e grifos nossos)

Nesta citação, é possível visualizar a relação do carimbó com algumas festas populares, sem manter ligação direta com qualquer uma delas, em particular. Ela é dançada em várias ocasiões e representa uma vivência de lazer do trabalhador caboclo. Outra vez, aparece uma referência dos autores ao carimbó como divertimento, levando

⁷ Quando nos referimos ao carimbó como “brinquedo”, estamos dizendo também do instrumento musical que leva o mesmo nome da dança, “feito de um tronco, internamente escavado, de cêrca(*sic*) de um metro de comprimento e de 0,30 de diâmetro” (SALLES; SALLES, 1969, p. 276).

ao entendimento de que, quando eles dizem do lazer popular, estão compreendendo a dança como tal.

No artigo, Salles e Salles (1969) se dirigiram à cidade de Vigia para estudarem a dança. Lá, para fazerem contato com os brincantes do carimbó, escolheram “Tia Pê – Francisca Lima do Espírito Santo”, velha patrocinadora da dança que fazia a ponte entre eles:

Tipo caboclo, aparentando 60 anos de idade, Tia Pê nasceu e se criou na Vigia. Mora nos limites suburbanos da cidade, à margem da estrada, quase no meio rural. É festeira consumada e centraliza, em tórno(*sic*) de sua modesta casa, os principais folguedos da região – carimbó e outras danças, folias, festas religiosas e promesseiras. (SALLES; SALLES, 1969, p. 263)

Visualiza-se, aqui, a ideia da regionalidade deste tipo de manifestação do lazer. Sua promotora recebe o status de Tia, fazendo com que o local da dança represente um ambiente familiar e onde se vivencia os principais folguedos da região. Assim, o carimbó quase sempre

é dançado sob a orientação de um conhecedor do brinquedo, encarregado de sua promoção periódica. Elemento associativo para o povo, ausentes outros meios de diversão, o batuque atrai a população simples, caboclos, negros e mestiços, para a dança que se prolonga durante muitas horas, noite adentro, terminando quase sempre com o raiar do dia.(...) Na Vigia, êsse(*sic*) encarregado é Tia Pê, que conta com o auxílio de vizinhos e amigos. (SALLES; SALLES, 1969, p. 265)

Neste trecho, os autores nos revelam que o povo, como representante de uma “população simples, caboclos, negros e mestiços”, não possui outros meios de diversão além do carimbó, evidenciando que essa dança é, por excelência, um exemplo de vivência de lazer dessas pessoas.

Com relação ao lazer, ao analisarem o processo de interação social com base no elemento folclórico carimbó, os autores destacaram certo tipo de representação coletiva sobre o fenômeno. Salles e Salles (1969, p. 267) salientam que encontraram “uma série de ideias gerais, transmitidas oralmente, e que se traduzem numa fórmula de ajustamento do lazer às atividades do grupo”. Assim, eles afirmam que

toda criatura humana necessita de uma periódica evasão do espírito. Sente necessidade de compensar as horas de trabalho com horas de lazer. A lúdica, para o povo, é talvez o momento supremo de lazer. Pagodes, arrasta-pés, furdunços, ali, como em tôda(*sic*) a parte, significam o melhor meio de fuga, o melhor derivativo das canseiras e monotonias da vida precária e difícil. Gente do trabalho, ora no campo, nas atividades pastoris; ora nos roçados, nas lides da agricultura; ora nos

barcos de pesca, o caboclo paraense anonimamente (*sic*) se liga ao complexo da economia regional e contribui, mão-de-obra ativa, para a criação de riquezas. (SALLES e SALLES, 1969, p. 267)

Nesta parte, verifica-se a necessidade dos momentos de lazer na vida do trabalhador caboclo, principalmente como forma de compensação. Os autores explicam que, raramente, o caboclo está parado, pois o trabalho é constante e as duras condições de vida exigem dele maior esforço e maior dedicação. Sendo assim,

o tempo de folgar é sagrado. E é nesse tempo que o caboclo se mete nos “pagodes” e nos “arrasta-pés”. Nem sempre é a cachaça a grande motivadora do lazer, como reclamavam os cronistas dos primeiros tempos coloniais. A necessidade de divertir-se cria as formas mais simples do relacionamento social, as brincadeiras, as danças, as devoções, tudo enfim que contribui para descarregar as tensões daquela vida difícil e áspera, ajudando-os a descontraírem-se. (SALLES; SALLES, 1969, p. 268. Grifos nossos)

O lazer é visto, então, como uma forma de restauração do equilíbrio biológico do trabalhador, uma pausa na labuta diária na qual o tempo de folgar se torna sagrado. Logo,

enquanto dança, enquanto folga, está sempre o caboclo lembrando o trabalho. A própria dança, quase sempre, marca verdadeiro “interstício” entre duas jornadas semanais de trabalho. Brincadeira de fim de semana, de sábado e de domingo, tal como ocorria nos tempos iniciais da colonização portuguesa. Obedecendo o preceito religioso, o senhor doava aos escravos o domingo, “dia de folgar”, além dos dias santos de guarda. (SALLES; SALLES, 1969, p. 268)

No trecho acima, os autores demonstram como lazer e trabalho estão bastante imbricados para o caboclo, pois, mesmo quando folga, ele está sempre lembrando do trabalho. Esse exemplo vai ao encontro do pensamento de Marinho (1979) sobre a trilogia trabalho, lazer e recreação. Um exemplo dessa ligação está nas letras de algumas músicas de carimbó, quando seus versos atestam a origem de cantos de trabalho, como demonstrado na figura 1:

Figura 1: Versos de carimbó fornecidos por Tô Teixeira em 1958, datado de 1900, aproximadamente, segundo o informante.

All^o
um pouco batucado

Ma-mãe pi-sa o mi-lho, mi-nha filha tou ni-san-do en-quanto ma-mãe

pi-sa eu vou pe-nei-ran-do. Ma-mãe pi-sa ran-do. Que-no pas-sá! que-no pas-

sá! No mei-o do rio que ela me man-dá! Ma-mãe pi-sa o -da!

Solo: — Mamãe pisa o milho
— Minha filha estou pisando
Enquanto mamãe pisa
Eu vou peneirando.

Côro: Quero passá! quero passá!
No meio do rio,
que ela me mandá!

Fonte: SALLES e SALLES, 1969, p. 268.

De acordo com Salles e Salles (1969), tais versos ligam diretamente o carimbó ao trabalho, evidenciando, assim, a conexão entre trabalho/lazer. Uma forma de enxergar essa ligação seria, por exemplo, verificar a divisão dos tempos do trabalhador caboclo. Por não estar envolvido no mundo fabril, haveria certo descaso pelo tempo do relógio. De acordo com Thompson (1998, p. 271), esse descaso só seria possível em uma comunidade de pequenos agricultores e pescadores “cuja estrutura de mercado e administração é mínima, e na qual as tarefas diárias [...] parecem se desenrolar, pela lógica da necessidade, diante dos olhos do pequeno lavrador”. Dessa forma, os tempos de trabalho e não trabalho do caboclo não teriam seu início e o seu fim claramente demarcados. E, como mostra a letra citada anteriormente, enquanto pisa-se e peneira-se o milho, as pessoas cantam e se divertem com o carimbó.

Considerações finais

Durante a análise das manifestações folclóricas presentes nos artigos da Revista Brasileira de Folclore, em particular do Carimbó, verificou-se que essas podem ser consideradas possibilidades de vivência de lazer. Este, tido como sinônimo de diversão ou divertimento, é exemplificado na revista a partir dessas manifestações folclóricas.

Sob o prisma do folclore, o estudo do lazer passou a ter um entendimento diferenciado, quando equiparado à diversão ou ao divertimento. Ao ser desvinculado do mundo fabril/industrial, ele pôde ser estudado de forma independente. Contudo, sua relação com o trabalho permanece, fazendo com que seja considerado por muitos uma primordialidade humana.

Ainda que, atualmente, tenha sido exitosa a ampliação de seu campo de estudo, o lazer merece investigações de suas outras formas de manifestação presentes no interior da revista, e de como pessoas envolvidas nesses outros tipos de vivências enxergam o fenômeno e usufruem dele, no seu tempo de não trabalho. Tais problematizações são relevantes quando se pretende estudar o lazer na história e, assim, entender um pouco mais sobre o assunto, confirmando teorias sobre o tema ou desafiando-as.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. F. N. Uma leitura antropológica sobre a educação física e o lazer. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. (org.) **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 83-114.

BENJAMIM, R. **Conceito de Folclore**. Disponível em <[HTTP://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf](http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2011.

BRANDÃO, C. R. **O que é folclore?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **Entendendo o folclore**. 2002. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Maria_Laura/CNFCP_Entendendo_Folclore_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf>. Acesso em: 21 out. 2011.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. 1995. **Carta do Folclore Brasileiro**. Salvador: CNF. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

CORBIN, A. **História dos tempos livres**. Editorial Teorema, 2001.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARINHO, I. P. **Raízes etimológica, histórica e jurídica do lazer**. Brasília, 1979.

SALLES, Vicente. Questionamento teórico do folclore. **Separata das Vozes**. Ano 63, n. 10, out.1969 **apud** BRANDÃO, C. R. **O que é folclore?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SALLES, V.; SALLES, M. I. Carimbó: trabalho e lazer do caboclo. **Revista Brasileira de Folclore**. Rio de Janeiro: CDFB/MEC, v. 9, n. 25, set./dez. 1969.

SILVA, M. M. **A escrita do folclore em Goiás**: uma história de intelectuais e instituições (1940 – 1980). 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

THOMPSON, E. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WERNECK, C. L. G. Lazer, história e pesquisa: reflexões sobre os significados de recreação e de lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926 – 1964). In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. **Coletânea IV Seminário “O lazer em debate”**. Belo Horizonte: UMFG/ DEF/ CELAR. 2003.

WILLIAMS, R. **Palavras-chaves**: um vocabulário de cultura e sociedade. Traduzido por Sandra Gardini Vasconcelos, São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Endereço para correspondência

Rua Joaquim José, 1685, bl01 apto 402, Fonte Grande, Contagem, Minas Gerais, Brasil. CEP: 32013-390.

Email: jeniferborges@ymail.com

Recebido em:
30/08/2014

Aprovado em:
16/11/2014